

## A RETÓRICA DE CANDIDO NA CONSTRUÇÃO DAS IMAGENS DE SI E DE CLARICE

Bruna Camargo CORREA<sup>1</sup>

**Resumo:** A crítica literária jornalística, que se encontra ausente nos jornais e quase extinta na atualidade, caracteriza-se como uma produção de grande relevância tanto para a descoberta de escritores quanto para o sucesso (ou não) desses profissionais como referência de uma literatura prestigiada. É, portanto, de ordem epidítica, visto que objetiva louvar ou censurar uma obra e/ou seu autor. Com base nessas ponderações, este artigo visa apresentar como são constituídos os *ethé* do crítico e do autor na crítica literária. Para tal, tem-se como objeto de análise o artigo “Perto do Coração Selvagem”, publicado em julho de 1944, no jornal *Folha da Manhã*, redigido pelo crítico literário Antonio Candido referente à estreia literária de Clarice Lispector. O objetivo é mostrar os recursos retóricos mobilizados na construção dos *ethé*, tanto da escritora quanto do crítico. Partindo disso, o estudo respalda-se especialmente nos pressupostos teóricos da Retórica (ARISTÓTELES, 2015) e da Nova Retórica (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014; MEYER 2007; EGGS, 2008; FERREIRA, 2010; FIORIN, 2015), com ênfase na noção de *ethos*.

**Palavras-chave:** *Ethos* retórico; crítica literária; Clarice Lispector; Antonio Candido.

**Abstract:** The literary journalistic criticism, which is absent in newspapers and almost extinct today, is a production of great relevance both for the discovery of writers and for the success (or not) of these professionals as a reference of a prestigious literature. It is, therefore, of an epiditic order, since it aims to praise or censor a work and/or its author. Based on these considerations, this article aims to present how the *ethé* of the critic and the author are constituted in the literary criticism. For this purpose, has as its object of analysis the article “Perto do Coração Selvagem”, published in July 1944 in the newspaper *Folha da Manhã*, written by the literary critic Antonio Candido, which refers to the literary debut of Clarice Lispector. The objective is to show the rhetorical resources mobilized for the construction of the *ethé*, both of the writer and the critic. Based on this, the study is based especially on the theoretical assumptions of Rhetoric (ARISTÓTELES, 2015) and New Rhetoric (PERELMAN and OLBRECHTS-TYTECA; 2014; MEYER 2007; EGGS, 2008; FERREIRA, 2010; FIORIN, 2015), with emphasis on the notion of *ethos*.

**Keywords:** rhetorical *ethos*; literary criticism; Clarice Lispector; Antonio Candido.

### Considerações iniciais

A crítica literária jornalística consiste em um discurso que dispõe de duas funções importantes para com seus leitores: o descobrimento de novas obras e escritores e a influência a favor do letramento literário, ainda que indiretamente. Sabe-se que todo discurso é produzido com alguma intenção persuasiva, assim, o discurso crítico-literário

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Guarulhos, SP, Brasil. Pesquisadora em nível de Iniciação Científica, orientada pela Profa. Dra. Ana Cristina Carmelino, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) - Processo nº 2019/22313-7. E-mail: brunacamargocorrea@outlook.com

intenta práticas retóricas e se configura como de ordem epidítica, gênero retórico que tem por finalidade louvar ou censurar, no caso em questão, uma obra e seu autor.

Com base nessas considerações, este artigo objetiva identificar, por meio de recursos retóricos, quais são os *ethé* que o crítico literário constrói de si e do autor em seu discurso, com base na hipótese de que, embora possam ser identificadas certas imagens, há uma que prevalece sobre as demais. Justifica-se este estudo por efeito de a crítica literária ser explorada, majoritariamente, no campo dos saberes literários, diferentemente da proposta deste artigo, que busca, por meio dos saberes retóricos, apresentar a crítica literária como formadora dos *ethé* do crítico e da autora, já que se configura em um discurso persuasivo.

O objeto em análise é a crítica “Perto do coração selvagem”, redigida pelo crítico literário Antonio Candido e publicada na seção “Notas de críticas literárias”, do jornal *Folha da Manhã*, em 1944, a qual aborda de maneira positiva o romance de estreia – *Perto do coração selvagem* – da autora Clarice Lispector, publicado em 1943.

O estudo respalda-se nos pressupostos teóricos da Retórica (ARISTÓTELES, 2015) e da Nova Retórica (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014; MEYER 2007; EGGS, 2008; FERREIRA, 2010; FIORIN, 2015), considerando a noção de *ethos* como principal categoria de análise. Em termos metodológicos, é preciso esclarecer que não será considerado o discurso do crítico como um todo no exame dos dados, portanto, utilizar-se-ão excertos para ilustrar os *ethé* identificados, com o critério de explorar, por meio do *logos* – seleção lexical, figuras de linguagem, argumentos, lugares retóricos – os *ethé* mais recorrentes do crítico e da autora.

Com o intuito de tornar o artigo claro em relação aos seus objetivos, apresenta-se inicialmente uma breve discussão do conceito de *ethos* no campo dos estudos retóricos. Em seguida, propõe-se uma contextualização da autora, do crítico e do discurso crítico-literário. Por fim, expõem-se a análise dos dados e os resultados compilados nas considerações finais.

## A dimensão do *ethos* sob o olhar da retórica

A Retórica, segundo Aristóteles (2015, p. 62), configura-se na “capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir”, portanto, explora a persuasão dos discursos. Com o objetivo de compreender com mais clareza cada caso de persuasão, o pensador engendra três provas de persuasão: o *ethos*, o *pathos* e o *logos*. Em síntese, o *ethos* se configura no caráter moral do orador; o *pathos*, na disposição do ouvinte, isto é, do auditório e; o *logos* diz respeito ao discurso propriamente dito (cf. ARISTÓTELES, 2015).

Para Aristóteles (2015), o *ethos* corresponde à imagem criada ou construída de si discursivamente, a fim de persuadir seu auditório. Envolve, conseqüentemente, a personalidade, o comportamento e as escolhas do orador. O filósofo evidencia três qualidades elementares tanto para a construção do *ethos* como para que a persuasão seja desempenhada com êxito e verossimilhança, quais sejam: a *phrónesis* (prudência), a *areté* (virtude) e a *eúnoia* (benevolência), que equivalem, respectivamente, ao orador ser sensato, sincero e simpático.

Eggs (2008), leitor de Aristóteles, reinterpreta a noção de *ethos*, aprofundando as características tratadas pelo filósofo. Para ele, a *phrónesis* está ligada ao *logos* e se configura pela verdade, logo, o orador deve apresentar argumentos sábios e racionais; a *areté* está vinculada ao *ethos* e consiste na adequação do discurso à situação, portanto, o orador deve argumentar de modo honesto e sincero; a *eúnoia* está ligada ao *pathos* e

preocupa-se com a semântica do discurso, assim, o orador deve ser amável com seu auditório. Desse modo, a depender da qualidade em que o orador se apoia, construirá seu discurso mais baseado na prova de persuasão correspondente, por exemplo, se o orador se mostra honesto e justo, construirá suas provas com mais recursos do *ethos*.

Isso posto, Eggs (2008) ressalta, com base em Aristóteles, que a *phrónesis* e a *areté* são responsáveis pela ação discursiva. Ademais, o estudioso reconhece que há duas espécies de disposição<sup>2</sup>: a intelectual, que visa à qualidade e à verdade do discurso, portanto, pertence à *phrónesis*; e a ética, que se refere aos valores do orador, logo, vincula-se à *areté*. Com base nessas considerações, pode-se afirmar que a *phrónesis* integra necessariamente o orador, já que se manifesta por meio de sua personalidade e de seu caráter, assim, vincula-se à *areté* e consequentemente ao *ethos*, de modo que a *phrónesis* e a *areté* atuam, majoritariamente, em união.

Outrossim, Eggs (2008) atribui ao *ethos* uma dupla dimensão, que se vale de dois sentidos: moral e estratégico. O sentido moral engloba atitudes e virtudes; o sentido estratégico envolve os hábitos e costumes. Frente à dupla dimensão, Eggs (2008, p. 39) conclui de modo “contraditório”, como posto por ele, que “não se pode realizar o *ethos* moral sem realizar ao mesmo tempo o *ethos* neutro, objetivo ou estratégico. É preciso agir e argumentar estrategicamente para poder atingir a sobriedade moral do debate”. Acentua-se, portanto, o *ethos*, que, como revelado por Aristóteles (2015), equivale à principal prova de persuasão e se configura como elo entre as três qualidades da concepção aristotélica. Portanto, a dupla dimensão do *ethos* bem como as três qualidades (*phrónesis*, *areté* e *eúnoia*) são fundamentais para que se convença pelo discurso.

Dessarte, Eggs (2008, p. 31), que interpreta o *ethos* como procedural, declara que “o lugar que engendra o *ethos* é, portanto, o discurso, o *logos* do orador, e esse lugar se mostra apenas mediante as escolhas feitas por ele”. Com o propósito de mostrar a outra face das três qualidades, isto é, a ausência destas, Ferreira (2010, p. 142) complementa: “o orador pode exibir o poder que tem, mas necessita de muita retórica para não parecer arrogante, ditatorial e cruel”. Portanto, é evidente que o orador pode percorrer o rumo aristotélico e apresentar-se como sincero, sensato e simpático para persuadir o auditório com um discurso eficaz, mas também pode (retoricamente ou não) apresentar-se como um orador hostil e rude, baseado em suas intenções para com seu auditório.

Os precursores da Nova Retórica, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), que se mostram interessados especialmente na prova do *logos*, apresentam em sua obra uma nova visão: a adaptação do discurso do orador conforme o seu auditório, objetivando a adesão dos argumentos. Assim, o *ethos* será constituído de acordo com o gênero<sup>3</sup> em que o discurso está inserido, no caso do epidítico é preciso dispor de um *ethos* com autoridade no assunto tratado, de modo que detenha das habilidades linguísticas para adaptar o discurso ao auditório, com êxito persuasivo. Isto posto, é essencial que o orador construa uma imagem de si e manifeste credibilidade em seu discurso, a fim de aproximar o auditório da ação pretendida. De acordo com Meyer (2007, p. 129), “é com base no *ethos* que se diminui a distância, um processo que precedentemente denominamos “argumentação” ou “criação de identidade entre parceiros” sobre uma questão”.

Em suma, reputar uma obra e seu autor e projetar em um discurso a imagem (*ethos*) de ambos é uma das funções da crítica literária. Sabe-se, portanto, que não basta que a imagem seja construída, mas que seja uma imagem dotada de credibilidade e, para

<sup>2</sup> Do grego *hexis*: combinação de partes que visam a excelência.

<sup>3</sup> Os discursos retóricos podem ser de três tipos: o deliberativo objetiva (des)aconselhar, o judiciário visa acusar ou defender e o epidítico exerce a função de louvar ou censurar (cf. ARISTÓTELES, 2015).

isso, é preciso apresentar as três qualidades aristotélicas, o que resultará em discurso persuasivo.

A noção de *ethos* detém de variações não tão distintas, mas que se ressignificam a cada estudo. É o que ocorre com Ferreira (2010, p. 90), que amplia os pressupostos aristotélicos, ao entender o *ethos* como “a imagem que orador constrói *de si e dos outros* no interior do discurso”. Esse alargamento do conceito se ajusta ao nosso estudo, tendo em vista que o crítico literário, por meio de seu discurso, constrói não somente imagens de si, mas também imagens da escritora e de sua obra.

### **A autora, o crítico e a crítica: considerações-chave**

Considerada uma das maiores escritoras brasileiras e destaque da terceira geração do Movimento Modernista no Brasil, Clarice Lispector (do original Haia Pinkusovna Lispector<sup>4</sup>, 1920- 1977) dedicou sua vida à Literatura. Com uma escrita sensível e muitas vezes classificada como ilegível e confusa, marcada pela invocação do “eu” (escrevia majoritariamente em primeira pessoa), a escritora, que muitos consideram importante e intelectual, repudiava tais adjetivos, em especial o “profissional”. Lispector, segundo Borelli (1981, p. 74), “não tinha nenhum compromisso com o sucesso, não escrevia para agradar ninguém”, tampouco considerava a escrita uma profissão. Apesar de tanta recusa à fama, tornou-se referência na Literatura Brasileira e permitiu, por meio de seu destaque e ousadia na escrita, que a crítica de sua época considerasse um futuro para Lispector na Literatura moderna (cf. BORELLI, 1981; CUNHA, 2020; LÓPEZ, 2018).

Formou-se em Direito, em 1943, na Universidade do Brasil – atualmente conhecida como Universidade Federal do Rio de Janeiro – e no mesmo ano publicou seu primeiro romance, nomeado *Perto do coração selvagem*, que conquistou, em seguida, o prêmio Graça Aranha (cf. GOTLIB, 2009). Como posto por Santos (1999), o romance representa o início da prosa brasileira na temática existencial. Frente à fama, Borelli (1981, p. 26) declara que a escritora “nunca conviveu com os críticos. Não agradecia os elogios, a fim de deixá-los livres para falar mal, se quisessem, de seus livros. Também, por nenhum meio, nunca se defendeu quando a atacavam”, entretanto, em uma carta<sup>5</sup> enviada a Borelli, em 8 maio de 1946, a autora, que na época morava fora do Brasil, questiona se Antonio Candido escreveu uma crítica sobre seu romance, pois gostaria de lê-la.

No que diz respeito ao crítico, Antonio Candido de Mello e Souza (1918-2017), assim como Clarice Lispector, dedicou sua vida à Literatura. Conhecedor e apreciador da literatura mundial, foi uma figura pedagógica na história da literatura nacional, de modo que algumas de suas obras como *Formação da Literatura Brasileira* (1959) – a mais influente – tornaram-se referências no campo dos estudos literários. A figura pedagógica de Candido se configura, especialmente, por sua afeição pela literatura mundial que o tornou professor, ministrando e produzindo um legado. Formou-se em Ciências Sociais em 1942 pela Universidade de São Paulo - USP (antiga Faculdade de Filosofia). Em 1958, ingressou no universo das Letras, onde iniciou a formação de sua figura crítica quando fora convidado para atuar como crítico literário no grupo *Clima*<sup>6</sup>, ainda que sem habilidades linguísticas na área. Em 1943, devido ao seu destaque como crítico

<sup>4</sup> Clarice Lispector, nasceu na aldeia Tchetchelnik na região de Vinnitsia, na Ucrânia.

<sup>5</sup> A carta consta no livro *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato* (1981), na página 114.

<sup>6</sup> Revista criada por um grupo de universitários da USP, em 1939, visando redigir críticas culturais como de cinema, literatura e teatro.

princípios, foi convidado para assumir o posto de crítico titular no jornal *Folha da Manhã*, no qual se debutou profissionalmente como um crítico literário de renome, afinal, foi onde pôde reconhecer e atribuir seu aval crítico a escritores e obras reputadas, como no caso de Clarice Lispector (cf. RODRIGUES, 2018). O intelectual, preocupado com o destino da Literatura brasileira e ligado às questões sociais, levou um “choque”<sup>7</sup> ao se deparar com o romance, *Perto do coração selvagem* (1943), da escritora – até então desconhecida na esfera literária – Clarice Lispector.

O crítico, em decorrência de sua formação, lidava com sua função não somente no âmbito literário, mas também no âmbito social, assim, foi muitas vezes classificado como um “crítico sociólogo”, entretanto destaca: “pode-se dizer que a crítica que eu preconizo é a crítica eclética”<sup>8</sup>. Visto que Candido considerava tanto a estrutura e a estética textual, o exterior da obra e seu impacto social como quem a redigiu, lidando, portanto, de modo sensato e diferenciado em relação aos outros críticos, pode-se dizer que ele não apenas resenhava uma obra, como também se aprofundava literariamente e socialmente na mesma, de maneira muitas vezes ideológica.

A título de contextualizar o que vem a ser a crítica literária, recorre-se a Costa (2014, p. 90), que a define como:

texto de opinião, crítico, analítico ou apreciativo, produzido por algum especialista (jornalista, professor, escritor, economista, etc.), geralmente colaborador regular do veículo de comunicação de massa, sobre determinada manifestação artística (literatura, cinema, artes plásticas, etc.) ou outra (esporte, política, religião, economia, etc.). Neste caso, trata-se mais de um artigo (v.). No caso da manifestação artística, o objeto de crítica é apreciado nos aspectos que envolvem a criação de uma obra e sua inserção no contexto cultural sócio-histórico: aspectos estéticos, ideológicos, técnicos, significativos, valorativos, etc. A crítica, então, reinterpreta o objeto analisado, propiciando um conjunto de impressões, ideias e sugestões que podem orientar o gosto e despertar a curiosidade do leitor pela obra.

A crítica literária jornalística “Perto do coração selvagem” – anexada ao final deste artigo – escrita por Antonio Candido, apresenta o romance de estreia de Clarice Lispector aos leitores do jornal *Folha da Manhã*. Foi publicada em 16 de julho 1944, no rodapé (seção “Notas de Crítica Literária”) das páginas do jornal popular impresso. Configura-se em um artigo composto por dez parágrafos analíticos, nos quais se observam a estética da autora, o gênero da obra, os elementos narrativos, o resumo da obra e o aval crítico. Aborda, portanto, o romance de Lispector com base no elogio, frente ao modernismo literário.

### A constituição dos *ethé* do crítico e da escritora

Sabe-se que a crítica literária tem como objetivo construir um discurso laudatório, analisando positiva ou negativamente determinada obra e/ou autor. No caso em questão,

<sup>7</sup> Declaração de Candido, em “Língua, Literatura e Sociedade”, publicado na *Folha da Manhã*, em 25/06/1944.

<sup>8</sup> Depoimento de Antonio Candido durante a disciplina FLT5005-I: Seminários de Teoria Literária: Ensaios de Antonio Candido, ministrado pelo Prof. Dr. Joaquim Alves de Aguiar. Na ocasião, Candido palestrou sobre sua formação como crítico, em 27/10/2009, prédio de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

observa-se que Antonio Candido produz um discurso laudatório positivo sobre Clarice Lispector e sua obra de estreia – *Perto do coração selvagem* (1943). Defende-se, portanto, que ele dá forma a esse discurso por meio de recursos retóricos de amplificação, os quais arquetipam os *ethé* do crítico e da escritora. Para isso, analisam-se separadamente os dados que competem à construção dos *ethé* de Candido e à construção dos *ethé* de Lispector, expostos a seguir.

#### a) A construção dos *ethé* de Antonio Candido

Acerca da produção do discurso crítico-literário, como posto por Antonio Candido em seu artigo “Overture”, publicado em sua estreia na coluna “Notas de Crítica Literária”, no jornal *Folha da Manhã* em 1943, a função do crítico é “relacionar, por em contato, explicar à luz do momento” uma obra e seu respectivo autor e claramente a sua opinião será incluída no texto, já que a crítica se vale de uma avaliação unida a uma contextualização social da obra e do escritor. Nesse mesmo artigo, Candido afirma que “não basta que o leitor se sinta diante de um homem de boa compreensão; é preciso que ele sinta o homem de boa fé” e, em seguida, declara que em sua função como crítico dirá aquilo que pensa, isto é, será sincero (*areté*). Tais citações se referem ao conceito de credibilidade e de sinceridade próprios da constituição do *ethos*, que serão explorados nesta análise e se aproximam de uma passagem da *Retórica*, de Aristóteles (2015, p. 63):

Persuade-se pelo caráter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé. (...) É, porém, necessário que esta confiança seja resultado do discurso e não de uma opinião prévia sobre o caráter do orador; (...), mas quase se poderia dizer que o caráter é o principal meio de persuasão.

Antonio Candido se coloca como um crítico sincero e de boa fé e, por ser notável em sua vida acadêmica, se torna um estudioso influente. No entanto, ao escrever sobre a jovem Clarice Lispector, possivelmente sua autoridade no assunto permitiu uma adesão maior do público e da imprensa para com a amplificação da autora e o sucesso de sua obra à luz do momento. Em vista disso, pode-se dizer que Antonio Candido foi um dos críticos responsáveis pela descoberta de Lispector e pelo seu reconhecimento. Com o objetivo de evidenciar tal influência, expõe-se, a seguir, como o crítico constrói para si, por meio do *logos*, os *ethé* de ousado, justo, sensível ao novo e perspicaz.

#### *Ousado (mas ponderado)*

Faz-se importante lembrar, antes de explorar o *ethos* de ousado construído por Antonio Candido, que o crítico estreia na *Folha da Manhã* em janeiro de 1943, logo, soma aproximadamente um ano e meio como crítico titular, ainda que de renome. Entretanto, mesmo com pouco tempo de sucesso como crítico, o intelectual não se limita ao expor sua opinião, ainda que essa se oponha a outra de valor maior, para obter confiança do auditório.

Tal ousadia do crítico pode ser observada no seguinte trecho, referente à Clarice Lispector: “(...) já qualificada de “ingenuamente naturalista” por um **crítico de valor**, numa frase que **me parece exagerada. O que se poderia dizer, com maior justeza**

(...)”<sup>9</sup>. Nesse excerto, o crítico se mostra ousado (mas ponderado) ao contrariar uma referência (crítico de valor) no campo da crítica literária. A ousadia pode ser vista com base no uso de recursos retóricos como a figura do eufemismo e o argumento da regra de justiça.

A **alusão**, que segundo Abreu (2009, p. 139) “é uma referência a um fato, a uma pessoa real ou fictícia, conhecida do interlocutor”, pode ser vista quando Candido faz menção a um “crítico de valor” (embora não o identifique pelo nome) ou mais precisamente à forma como a produção de Lispector é caracterizada pelo tal crítico como “ingenuamente naturalista”. Ao explicitar que essa caracterização lhe parece exagerada, Candido se utiliza do eufemismo, tendo em vista que discorda da avaliação feita à escritora, mas o faz de modo sutil e polido. Como é sabido, o **eufemismo** “é o tropo em que há uma diminuição da intensidade semântica, com a utilização de uma expressão atenuada para dizer alguma coisa desagradável” (FIORIN, 2019, p. 78). No caso em questão, Candido emprega o eufemismo mais de uma vez, a fim de ser respeitoso em sua refutação, assim, observa-se tal diminuição da intensidade semântica, mediante as escolhas lexicais feitas pelo orador: por meio da expressão “frase que me parece exagerada”. Ao amenizar o impacto de sua opinião, a fim de não ser rude ou ocasionar interpretações equivocadas, o crítico mostra-se ponderado (*phrónesis*) e sincero (*areté*).

A ponderação do crítico-orador em análise pode ser vista também no enunciado “o que se poderia dizer, com maior justeza”, a partir do uso do modalizador “poderia”, que relativiza sua opinião: não o desloca do âmbito profissional e expõe, em tom pessoal, a empolgação com a mudança positiva que literatura finalmente sofreria. Nota-se nesse mesmo enunciado além da presença do eufemismo, recurso utilizado a fim de modificar o que o “crítico de valor” dissera, o uso do argumento conhecido como **regra de justiça**. De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 248), “a regra de justiça requer a aplicação de um tratamento idêntico a seres ou a situações que são integrados numa mesma categoria”. No trecho, a regra de justiça é identificada com clareza pelo uso da palavra “justeza”, apresentada junto a um adjetivo que sutilmente revela superioridade, assim diz “com maior justeza”, na intenção de ser mais justo que fora o outro crítico, quanto à qualificação da obra e da escritora. Baseado na literatura corriqueira que estava sendo apresentada sem inovação, Candido demonstra, portanto, simpatia pela inovação estética de Lispector, além de se manter em seu posto profissional.

Nesse recorte da crítica literária, nota-se que Antonio Candido adequa seu discurso ao canal de comunicação (jornal impresso) bem como constrói um *ethos* com base nas três características essenciais da persuasão: mostra-se polido e simpático (*eúnoia*) ao contrariar o aludido a fim de ser justo para com o valor da autora; mostra-se ponderado (*phrónesis*) pelo recurso do eufemismo, do qual dispõe para polir seu discurso e; mostra-se sincero (*areté*) ao se opor ao crítico de valor. Dado isso, o *ethos* de ousado, é desvelado quando Candido se opõe ao crítico de valor, pretendendo reformular o dito pelo aludido, assim, poderia tê-lo feito de maneira petulante, mas pelo contrário, apresenta uma ousadia sincera, agradável e ponderada, coloca-se no posto de crítico literário e demonstra competência e profissionalismo para tal, de modo que aproxima o leitor da autora e da crítica por meio de sua ousadia.

### *Justo*

Ser justo é uma das características dignas de um bom orador, pois, afinal, trata-se de demonstrar o bom uso da razão (*phrónesis*), da honestidade (*areté*) e,

<sup>9</sup> Grifos da autora deste trabalho.

consequentemente, da benevolência (*eúnoia*). O *ethos* de justo arquitetado por Candido é observado em dois trechos distintos. O primeiro é referente à análise anterior, quando no recorte “o que se poderia dizer, com maior justeza”, faz uso da figura do **eufemismo** – percebida pela polidez em “o que se poderia dizer”, na intenção de introduzir-se como justo – e do argumento da **regra de justiça**, identificada pelo termo “maior justeza”, que indica que o orador deseja ser mais justo que o crítico de valor, do qual alude. Assim, ao perceber que a autora foi classificada injustamente, desfez a qualificação negativa e lhe deu uma classificação positiva, com sutileza, prudência e sinceridade.

A outra ocasião em que Candido mostra-se justo corresponde ao seguinte trecho: “**quanto mais não valesse**, o livro da sra. Clarice Lispector **valeria** como tentativa, e é **como tal que devemos julgá-lo**, porque nêle a realização à **nitidamente inferior ao propósito**”<sup>10</sup>. Nesse excerto, o orador deixa a ousadia de lado, a fim de explorar sua função como crítico de maneira honesta. O *ethos* de justo pode ser observado por meio da figura da antítese e, em especial, do argumento pela regra de justiça.

De acordo com Fiorin (2019, p. 152), a **antítese** se configura em “um acúmulo de significados, porque se explicitam as oposições implícitas na construção dos sentidos. Isso para intensificar o que se diz, mostrando contradições e contrariedade presentes no objeto de que se fala”. No excerto, a antítese pode ser vista em “quanto mais **não valesse**, o livro (...) **valeria** como tentativa”. A oposição não é marcada por palavras antônimas, mas por meio da negação. Assim, ainda que o objetivo de Clarice Lispector fosse ou não tentar escrever uma grande obra, seu romance já estava escrito e surpreendeu Candido à luz do momento, de modo que o orador dá ênfase na contradição a fim de incitar os leitores a avaliar o romance. A incitação pode ser conferida por meio do uso do verbo “dever”, conjugado na primeira pessoa do plural do presente do indicativo “devemos”, que consta do enunciado “e é como tal que devemos julgá-lo”. O recurso da **regra de justiça**, visto anteriormente, também aparece na construção. Ao dizer que é preciso julgar o livro (“julgá-lo”), se não pelo seu valor, pela tentativa de valor que ele empreende, o crítico desvela-se como um avaliador sincero (*areté*). Dessa forma, a sinceridade é claramente mostrada por um ato discursivo de deliberação, que reforça a regra de justiça mediante a escolha lexical “a realização à **nitidamente inferior ao propósito**”, na qual a expressão “nitidamente inferior” indica que o romance não será tratado como uma grande obra, mas “que se deixarmos de lado as possíveis fontes estrangeiras de inspiração, permanece o fato de que, dentro de nossa literatura, é uma *performance* da melhor qualidade”<sup>11</sup>.

Nos fragmentos em questão, Candido mostra-se como crítico por meio da justiça, que o leva a ser digno de fé. Assim, a constituição de seu *ethos* continua apoiada nas três características elementares apresentadas por Aristóteles (2015): revela-se honesto (*areté*) – característica mais evidente na constituição de seu *ethos* de justo –, ajuizado (*phrónesis*), em especial, pela regra de justiça, e simpático (*eúnoia*), por meio da figura do eufemismo. Desse modo, o *ethos* de justo é revelado quando Candido incita os leitores a avaliar o romance, com base na consideração de que a obra é inferior ao seu objetivo. Assim, pretende mostrar a realidade da produção geral da obra em comparação ao funcionamento desta dentro da literatura brasileira, de modo que sua incitação se estende até a menção da qualidade da obra, levando o leitor a entendê-la como de qualidade, a partir de seu ato de justiça, ao tratar o romance com o devido valor.

<sup>10</sup> Grifos da autora deste trabalho.

<sup>11</sup> Trecho do objeto em análise, que consta do final do terceiro parágrafo do anexo (grifo do crítico).

### *Sensível ao novo*

A sensibilidade (*eúnoia*) é uma característica significativa na redução da distância entre o orador (crítico) e o auditório (leitores do jornal *Folha da Manhã*) e, como afirmado por Meyer (2007) tal distância é reduzida mediante ao *ethos* do orador. À vista disso, Candido constrói um *ethos* de sensível ao novo, frente à literatura moderna brasileira e à inovação da estética lispectoriana. O *ethos* de sensível ao novo que o orador constrói de si pode ser percebido por intermédio da seleção lexical (em diferentes trechos), dos lugares de qualidade e ordem e da antítese.

O primeiro trecho observado para com a sensibilidade do crítico é: “(...) preferindo o **risco da aposta à comodidade do ramerrão. É o caso** da sra. Clarice Lispector, que nos deu no fim do ano passado um romance de tom mais ou menos **raro** (...)”<sup>12</sup>. Nesse excerto, em que Candido apresenta o caso da autora, o crítico utiliza-se de expressões como “risco da aposta” e “comodidade do ramerrão”, que remetem à situação da literatura brasileira na época. Tais expressões não indicam que a produção literária da década de 40 era ruim, ao contrário, as produções eram consistentes, mas se tornaram habituais, pois se adequavam a um enquadramento estético comum, visando à excelência. Nesse sentido, Candido demonstra estar farto dessa banalidade literária, desejando o desafio, o “risco da aposta”, portanto, a inovação estética, como no caso de Lispector, que apresentou um “romance de tom mais ou menos **raro**”. É possível observar, com maior clareza, o desejo da renovação literária, quando o crítico expõe que “(...) os escritores brasileiros se contentam em geral com processos já usados, apenas um ou outro arriscando em tentativas mais ousadas”. Nesse excerto, o crítico reforça, por meio do trecho “arriscando em tentativas mais ousadas”, o risco, do qual almeja com sensatez, para com a tentativa de uma nova literatura.

Dessa maneira, ao se deparar com o romance de estreia de Clarice Lispector, o crítico não se deixa levar pela inovação, trata a obra de modo sensato, mas com o devido valor: “Em relação a “Perto do coração selvagem”, se deixarmos de lado as possíveis fontes estrangeiras de inspiração, permanece o fato de que, dentro de nossa literatura, é uma *performance* da melhor qualidade”<sup>13</sup>. Entretanto, observa-se a deixa para com o entusiasmo (*eúnoia*) do crítico em “se deixarmos de lado”, ou seja, ele está disposto a não considerar as fontes estrangeiras de inspiração, porque na literatura brasileira o romance se configura em um feito da “melhor qualidade”; dado que insere a obra em um **lugar de qualidade**. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 101), “o lugar da qualidade redundante na valorização do único”; assim, quando Candido se refere ao romance como uma “performance da melhor qualidade”, está indicando o desempenho estético como único, o que demonstra a forte afeição pela novidade.

Outro excerto que mostra o *ethos* de sensível ao novo do crítico é “Como os outros, ela nada consegue, a não ser esse timbre que revela as obras de exceção e que é a melhor marca do espírito sobre a resistência das coisas”. Nele, observa-se, inicialmente, a figura da **antítese** que, vista como a que enfatiza o que se diz mediante à contradição (cf. FIORIN, 2019). A contradição pode ser identificada em “ela **nada consegue, a não ser** esse timbre (...)”, já que o orador diz inicialmente que a autora não consegue nada frente a sua intenção, mas posteriormente, que consegue um timbre do qual há de revelar “obras de **exceção**”. Nesse sentido, a antítese é empregada para dar ênfase à característica de exceção da escritora. Em seguida, o crítico-orador trabalha com o **lugar de ordem**. Se para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 105) “os lugares da ordem afirmam a

<sup>12</sup> Grifos da autora deste trabalho.

<sup>13</sup> Grifo do crítico.

superioridade do anterior sobre o posterior, ora da causa, dos princípios, ora do fim ou do objetivo”, Candido, ao usar o adjetivo “melhor”, expressa que o timbre revelado pelas obras de exceção se configura na “**melhor marca** do espírito sobre a resistência das coisas”, mostrando a superioridade da obra de Clarice. Dado isso, Antonio Candido mostra-se sensível mais uma vez diante da “resistência” (no sentido positivo da palavra): determinação para com a mudança da literatura brasileira.

Partindo do exposto, Candido mostra ter um forte vínculo com a literatura nacional mediante à sensibilidade expressada. Desse modo, constrói várias imagens: de analista sensível (*eúnoia*), por meio do lugar de qualidade e do lugar de ordem, nos quais se configuram o desejo de renovação literária e a inovação estética da autora; de leitor sincero (*areté*), pela atribuição dos valores, como a inovação, para com a estreatante; de orador ponderado (*phrónesis*), ao não se deixar levar pelo entusiasmo. Assim, o *ethos* de sensível ao novo é desvelado, majoritariamente, pela adjetivação que objetiva elogiar a coragem da autora de ir contra o padrão literário brasileiro da época e escrever com uma estética própria, sem medo de arriscar na tentativa do novo. Com isso, Candido desvela-se cativado não apenas pelo romance como obra, mas também por estar frente a uma autora desconhecida que proporcionou uma espécie de reforma literária.

### *Perspícaz*

O *ethos* de perspícaz de Antonio Candido é esperado frente a um crítico literário, já que a função deste é elogiar ou censurar um autor e sua obra. No caso em questão, configura-se principalmente como consequência de sua função como crítico e dos *ethé* de justo e sensível ao novo, já que estes conduzem o louvor expressado por Candido para com sua decisão final: conceder (ou não) o seu aval crítico. A constituição do *ethos* de perspícaz se dá por meio da seleção lexical e do lugar de qualidade.

Com relação a Clarice Lispector e sua obra, o crítico-orador revela que “a intensidade com que soube escrever e a rara capacidade da vida interior **poderão fazer** desta jovem escritora um dos **valores mais sólidos** e, sobretudo, **mais originais** da nossa literatura, **porque esta primeira experiência já é uma nobre realização**”<sup>14</sup>. Candido enfatiza que a escritora ainda não é um dos valores mais sólidos, tampouco um dos mais originais da literatura nacional, contudo diz que poderá ser. Mostra-se, desse modo, honesto e ponderado ao tratar do possível futuro da autora. Entretanto, é com apreciação (*eúnoia*) que finda seu discurso, ao expor que o primeiro feito da estreatante é uma “nobre realização”. Nessa forma de se expressar, especialmente a partir do uso do adjetivo “nobre”, empregado com o fim de elevar a escritora e valorizar sua literatura singular, o crítico mobiliza o **lugar de qualidade**: aquele que valoriza o único (cf. PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014).

Com base no excerto analisado, verifica-se um orador admirável, já que apresenta as três qualidades aristotélicas: mostra-se honesto (*areté*) ao tratar o caso de Lispector com transparência; desvela-se ponderado (*phrónesis*) ao prever um futuro de sucesso para a autora; e constrói-se como simpático (*eúnoia*) ao conceder seu aval crítico, permitindo uma qualificação elevada. Dessarte, o *ethos* de perspícaz é solidificado pela concessão do aval crítico, que é cedido mediante ao recurso do lugar de qualidade, que eleva a escritora e sua obra em termos da inovação da literatura nacional.

#### b) A construção dos *ethé* de Clarice Lispector

<sup>14</sup> Grifos da autora deste trabalho.

(...) tive verdadeiro choque ao ler recentemente um livro publicado já há alguns meses, mas que só agora me caiu sob os olhos. Quero referir-me ao romance diferente que é “Perto do coração selvagem” da sra. Clarice Lispector, escritora completamente desconhecida para mim, da qual não tenho a mais leve informação. (...) Até que ponto a escritora conseguiu o seu intento, procurarei investigar no próximo artigo.<sup>15</sup>

Antes de publicar a crítica do romance de Clarice Lispector, Antonio Candido menciona no artigo “Língua, Pensamento e Literatura”, publicado em junho de 1944, na seção “Notas de Crítica Literária” do jornal *Folha da Manhã*, que levava um “choque” ao se deparar com o romance da autora. No mesmo artigo, o crítico pontuou que a falta da língua pensada (no caso, a Língua Portuguesa brasileira) e “de pensamento bem vestido, num país em que o pensamento se reduz ao ribombo da palavra, faz da nossa uma literatura de escritores sem inteligência real e sem criação estilística”. Tal relato demonstra que a literatura nacional se encontrava em situação corriqueira, sem novos estilos e conteúdos, ou seja, à espera da inovação do pensamento literário brasileiro.

Como visto nas análises anteriores, é no artigo “Perto do coração selvagem”, publicado em julho de 1944, que o crítico-orador explora a tentativa de inovação que a literatura nacional carecia. Isso posto, Antonio Candido amplifica Clarice Lispector, mediante a diferentes recursos retóricos, de modo que constrói diferentes *ethé* da autora, caso de ousada, rara, original e ilustre. É o que veremos a seguir.

### *Ousada*

Diante do anseio pela inovação literária, Antonio Candido se depara com o romance *Perto do coração selvagem* (1943) de Clarice Lispector, que, na época, era uma jovem estreante. Para o crítico, o romance representou um ato de ousadia. Nesse sentido, em seu discurso, constrói um *ethos* de ousada para a autora, por intermédio da seleção lexical, em especial, pelo próprio adjetivo “ousada”.

A ousadia da estreante pode ser observada na seguinte passagem: “O que se poderia dizer, com maior justeza, é que os escritores brasileiros se **contentam** em geral com processos já usados, apenas um ou outro **arriscando** em **tentativas mais ousadas**”<sup>16</sup>. Como já observados na análise dos *ethé* de ousado e justo do crítico, esse excerto representa a tentativa de reformular a classificação de “ingenuamente naturalista” atribuída por um “crítico de valor” à autora. Com o objetivo de ser justo para com a valorização de Lispector e de justificar sua ousadia ao contrariar uma referência crítica, Candido explica que os escritores brasileiros se contentam em reproduzir processos estéticos de sucesso, de modo que apenas alguns escritores arriscam em novas apostas. Nota-se, portanto, o uso de palavras que amplificam Lispector, caso de “contentam”, que aparece como oposição ao caráter da escritora, e de termos que têm a natureza de aprovação, como “arriscando”, “tentativas” e “ousadas”. Dessa forma, a amplificação compreende a característica da inovação, que é reforçada em: “apenas um ou outro arriscando em tentativas mais ousadas”.

Em vista dessas considerações, o *ethos* de ousada que o crítico constrói para a autora é desvelado por meio de seleção lexical, que indica a inovação literária na proposta de Lispector. Verifica-se que o orador se apresenta de modo agradável (*eúnoia*) ao se

<sup>15</sup>Trecho do artigo “Língua, Pensamento e Literatura”, de Antonio Candido, o qual se encontra no acervo *online* da *Folha*, acesse em:

<[https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=22922&anchor=237016&origem=busca&\\_math\\_er=4be562e35ac25140&pd=2958794701109f69b0123c916b56be61](https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=22922&anchor=237016&origem=busca&_math_er=4be562e35ac25140&pd=2958794701109f69b0123c916b56be61)>

<sup>16</sup> Grifos da autora deste trabalho.

opor ao crítico de valor, na intenção de tratar Lispector com o devido valor. Assim, o crítico-orador introduz a autora em seu discurso mostrando sinceridade (*areté*), ao expor sua inclinação positiva sobre o romance, e prudência (*phrónesis*), já que não exalta exageradamente a estreante, pois não sabia o que o futuro reservava à autora e à literatura brasileira. Dito isso, Candido constrói Lispector como ousada positivamente, no sentido de corajosa e valorosa, feito que já enaltece a autora no início do discurso, levando os leitores (do jornal e, posteriormente do romance) a ler e enxergar Clarice Lispector como quem, com sua ousadia, inovou a literatura nacional.

### Rara

No sentido etimológico da palavra, ser raro significa apresentar qualidade admirável e pouco comum. E é como uma escritora rara que Clarice Lispector é, em especial, amplificada por Antonio Candido. Esse *ethos* é construído por meio de expedientes retóricos como a seleção lexical, o lugar de qualidade e o lugar de ordem.

A edificação da raridade representada por Lispector é mostrada, inicialmente, quando o crítico classifica o romance da autora como de “tom mais ou menos raro”. Ainda que seja prudente – característica percebida pelo uso do eufemismo “tom mais ou menos”, que, segundo Fiorin (2019), é a diminuição da intensidade semântica –, visto que o crítico não se expressa de forma contundente, as considerações tecidas seguem rumo à aprovação da autora, pois classifica o romance dela como próximo ao raro, reforçando a ousadia da autora em arriscar na aposta do novo.

A fim de edificar o *ethos* de rara da autora, no trecho “dentro da nossa literatura, é uma *performance* da melhor qualidade” (grifo do crítico), nota-se que o crítico mobiliza o **lugar de qualidade**. Como já definido, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 101), esse lugar está relacionado à valorização do único, que pode “exprimir-se por sua oposição ao comum, ao corriqueiro, ao vulgar”. Posto isso, a oposição ao corriqueiro é tudo o que Candido esperava, na época, para a literatura nacional e é o que Lispector oferece com seu primeiro romance.

Dessa forma, o lugar de qualidade pode ser visto pela seleção lexical do crítico-orador: primeiro pelo adjetivo “melhor”, o qual enfatiza a natureza positiva do romance e, segundo, pelo substantivo “qualidade”, que demonstra a particularidade da obra. Na mesma passagem, é possível observar também o **lugar de ordem** – que, de acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 105), diz respeito à superioridade de algo. Ao usar o adjetivo “melhor”, o crítico expressa que a obra se configura numa “*performance* da melhor qualidade”, de maneira que eleva Clarice Lispector à grandiosidade. Em consequência, quando o adjetivo “melhor” e o substantivo “qualidade” são utilizados juntos, a amplificação da autora é intensificada e configurada como superior à literatura corriqueira.

Em outro caso, Candido destaca que o livro “permite uma tensão psicológica **poucas vezes alcançada** na nossa literatura moderna”<sup>17</sup>, dessa forma, apresenta o recurso do lugar de qualidade, mais uma vez por intermédio da oposição ao comum, ao apresentá-la como uma escritora que atingiu a tensão psicológica, feito poucas vezes visto na literatura moderna da época.

Com base no que foi exposto, Candido mais uma vez constrói o *ethos* de Clarice Lispector apoiado na inovação que ela apresentou mediante ao seu romance de estreia. Dessa forma, o *ethos* de rara é mostrado de diferentes modos: prudente (*phrónesis*), quando apresentado pela figura do eufemismo; simpático (*eúnoia*), quando apresentado

<sup>17</sup> Grifo da autora deste trabalho.

o lugar de qualidade; sério (*areté*), ao tratar da oposição ao corriqueiro. Dessarte, a raridade de Clarice Lispector é desvelada, em especial, pelo lugar de qualidade, o qual amplifica a autora dentro da literatura moderna brasileira.

### *Original*

A originalidade, embora possa ser entendida junto à raridade, foi observada separadamente, pois sua forma de fazer literatura é vista como inédita. Posto isso, verifica-se que o *ethos* original da autora é explorado por meio da seleção lexical e do lugar de qualidade.

Ao dizer “original não sei até que ponto o será”, referindo-se ao romance de Clarice Lispector, o crítico, ainda que classifique a autora como inédita a partir do uso da palavra “original”, demonstra que a originalidade é efêmera e que em algum momento, no futuro, o romance poderá não ser mais visto como inovador. Em outro momento, Candido desvela a autora como original ao afirmar que ela “sentiu que existe uma certa densidade afetiva e intelectual que não é possível se não procurarmos quebrar os quadros da rotina e criar imagens novas, novos torneios, associações diferentes das comuns e mais fundamente sentidas”. Em “quebrar os quadros da rotina e criar imagens novas, novos torneios, associações diferentes das comuns”, nota-se a valorização do único sendo explorada, que se opõe àquilo que é comum. Desse modo, Candido, uma vez mais, se utiliza do lugar de qualidade para mostrar a autora como oposição ao banal, de forma que expõe a originalidade da estreante de modo lisonjeiro (*eúnoia*).

Por último, ao final do discurso crítico, Antonio Candido diz que a jovem escritora se aproxima da grandeza, pois “soube criar o estilo conveniente para o que tinha a dizer”. Nesse enunciado, o uso da palavra “criar” mostra que o estilo mencionado não existia até então, assim, tal **estilo** foi criado por ela, logo, apresenta-se como inédito.

Nos trechos em questão, o crítico constrói a autora como original tanto de maneira sincera (*areté*) e cautelosa (*phrónesis*), ao tratar a originalidade como uma qualidade efêmera, quanto de maneira lisonjeira (*eúnoia*), ao mostrar satisfação com o feito da estreante mediante ao uso do lugar de qualidade. Isso posto, o *ethos* de original é desvelado, em especial, pelo uso do léxico “criar”, empregado com a finalidade de indicar a estética lispectoriana como nova, de forma que, novamente, apresenta a autora como inédita frente à situação corriqueira da literatura nacional na época.

### *Ilustre*

Diante da admiração do crítico para com a estética lispectoriana e, de sua função (elogiar ou depreciar um autor e sua obra), Candido, ao final de seu discurso, constitui-se como perspicaz e como efeito constrói a jovem estreante como ilustre. Tal notabilidade é identificada no último trecho do discurso crítico-literário, por meio da seleção lexical: “A intensidade com que soube escrever e a rara capacidade da vida interior poderão fazer desta jovem escritora um dos valores mais sólidos e, sobretudo, mais originais da nossa literatura, porque **esta primeira experiência já é uma nobre realização**”<sup>18</sup>. No fragmento em questão, o crítico ressalta especialmente o que Lispector pode se tornar, de maneira que traça uma espécie de futuro triunfante para a autora dentro da literatura nacional. Ao resumir todo o apreço que apresentou durante o discurso, solidifica seu aval crítico no enunciado: “esta primeira experiência já é uma nobre realização”. Dessa forma, Candido se refere ao romance de estreia de Lispector como um feito “nobre”, isto é,

<sup>18</sup> Grifos da autora deste trabalho.

elevado, já que é notável em relação à comodidade literária, portanto o romance é digno de seu aval crítico.

No excerto apresentado, o futuro literário de Clarice Lispector é traçado por Antonio Candido com prudência (*phrónesis*), já que o crítico não tem como garantir que a autora terá sucesso. Ainda que possível, a menção ao futuro da autora é configurada numa espécie de motivação, realizada com generosidade (*eúnoia*) devido à apreciação que tivera pela obra. Candido também se mostra honesto (*areté*) ao ceder seu aval crítico. A partir disso, o *ethos* ilustre de Clarice é desvelado quando o crítico-orador eleva Lispector ao nível dos renomados escritores brasileiros, por meio do léxico “nobre”, o qual é capaz de demonstrar que a obra da escritora se diferencia da regularidade adotada por diversos escritores que objetivam atingir o êxito. Dado isso, Candido mostra mais uma vez que Lispector ao ousar em sua estética, valorizou não só a si mesma, mas também a literatura moderna brasileira.

### Considerações finais

Com base na análise de alguns excertos da crítica “Perto do Coração Selvagem”, escrita por Antonio Candido, julho de 1944, este artigo buscou identificar por intermédio da prova do *logos* – seleção lexical, argumentos, figuras, lugares – quais *ethé* o crítico Antonio Candido constrói de si e da autora Clarice Lispector, no interior do discurso crítico-literário. No que tange às imagens do crítico, destacaram-se os *ethé* de ousado, justo, sensível ao novo e perspicaz, os quais foram constituídos mediante a mobilização dos seguintes recursos retóricos: além da seleção lexical, as figuras da alusão, do eufemismo e da antítese; o argumento da regra de justiça; e os lugares de qualidade e de ordem. Já no que concerne à da autora, foram observados os *ethé* de ousada, rara, original e ilustre, constituídos por intermédio da seleção lexical, do lugar de qualidade e do lugar de ordem.

As análises revelaram ainda que Antonio Candido mostrou-se um orador digno de credibilidade, visto que apresentou as três qualidades aristotélicas (*phrónesis*, *areté* e *eúnoia*) para construir a si mesmo e amplificar Clarice Lispector, ambos de maneira positiva. Isso posto, verificou-se que, além das imagens positivas dos referentes, os *ethé* da autora foram constituídos, majoritariamente, pela adjetivação como consequência do elogio (empregado para ceder o aval crítico). Tal adjetivação conduz ao lugar de qualidade, a fim de elevar a autora como rara frente à literatura moderna brasileira.

Os *ethé* do crítico foram constituídos por uma gama maior de recursos retóricos, em vista da necessidade de edificar sua credibilidade para com a construção de um discurso crítico persuasivo, que tem por fim conduzir o leitor do jornal a tornar-se leitor do romance. Além disso, as escolhas lexicais demonstraram a grande sensibilidade do orador para com a rara estreada, que inovou a estética literária nacional. Assim, no que compete ao principal *ethos* de Candido, observou-se ser o sensível ao novo, que é identificado em diferentes momentos do discurso (portanto, mais recorrente). Já no que diz respeito ao principal *ethos* de Lispector, verificou-se que, dentre os depreendidos, o mais evidente e reforçado é o de rara. Portanto, confirmou-se a hipótese inicial: embora possam ser identificadas certas imagens, há uma que prevalece sobre as demais.

Por fim, apesar do objetivo do artigo ser a identificação dos *ethé* do crítico e da escritora, pode-se dizer que – ainda distante de uma consideração definitiva, mas próximo à necessidade de avanço deste estudo – as imagens positivas de Clarice Lispector surgem como consequência das imagens positivas de Antonio Candido, de maneira que a

credibilidade do crítico reforça a amplificação da autora, afinal, seria um grande desafio para um crítico-orador desagradável construir uma imagem positiva de um referente.

## Referências

- ARISTÓTELES. **Retórica**. Trad. Manuel A. Júnior, Paulo F. Alberto e Abel N. Pena. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.
- BORELLI, O. **Clarice Lispector: esboço para um possível retrato**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- CANDIDO, A. Notas de Crítica Literária “Língua, Literatura e Sociedade”, **Folha de S. Paulo**, 25 jun. 1944. Disponível em: <[https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=22922&anchor=237016&origem=busca&\\_mather=4be562e35ac25140&pd=2958794701109f69b0123c916b56be61](https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=22922&anchor=237016&origem=busca&_mather=4be562e35ac25140&pd=2958794701109f69b0123c916b56be61)>. Acesso em: 6 mai. 2020.
- CANDIDO, A. Notas de Crítica Literária “Perto do Coração Selvagem”, **Folha de S. Paulo**, 16 jul. 1944. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=22939&anchor=187498&origem=busca&pd=38b5913f2412a9627800f627484c0936>>. Acesso em: 6 mai. 2020.
- CUNHA, C. Clarice Lispector - 100 anos do nascimento da escritora, **UOL**, 2020. Disponível em: <<https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/clarice-lispector---100-anos-do-nascimento-da-escritora.htm>>. Acesso em: 6 mai. 2020.
- COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- EGGS, E. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, R. (Org.) **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 29-56.
- FERREIRA, L. A. **Leitura e persuasão: princípios de análise retórica**. São Paulo: Contexto, 2010.
- FIORIN, J. L. **Figuras de Retórica**. São Paulo: Contexto, 2019.
- GOTLIB, N. B. Clarice: uma vida que se conta. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- LÓPEZ, A. Clarice Lispector, a escritora inqualificável no estilo e na forma, **El País**, 10 dez. 2018. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/10/cultura/1544426497\\_594113.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/10/cultura/1544426497_594113.html)>. Acesso em: 6 mai. 2020.
- MEYER, M. **Questões de Retórica: linguagem, razão e sedução**. Trad. António Hall. Lisboa: Edições 70, 2007.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado de argumentação: a nova retórica**. Trad. Maria E. A. P. Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- RODRIGUES, J. **Antonio Candido e Ángel Rama: Críticos Literários Na Imprensa**. São Paulo: Editora Unifesp, 2018.
- SANTOS, N. E. **A crítica jornalística sobre Clarice Lispector (1943-1997)**. Campinas: UNICAMP (IEL), 1999.

## Anexo<sup>19</sup>

Notas de Crítica Literária

<sup>19</sup> Artigo transcrito pela autora deste trabalho.

“Perto do Coração Selvagem”  
Antonio Candido, 1944.

“Todos os homens que estão fazendo um grande nome em arte... fazem-no porque evitam o inesperado; porque se especializam em pôr as suas obras no mesmo encaixe que outras, de modo que o público sabe imediatamente onde tem o nariz”, dizia certo crítico de arte a Jolyon Forsyte Junior e, aconselhando-o a abandonar as suas veleidades pessoais e entrar na rotina comum, acrescentou estas sábias palavras: “e isto é tanto mais fácil para o senhor quando não há uma originalidade muito acentuada no seu estilo”.

Assim, na bitola comum da arte, o melhor para o artista seria soffrear os seus ímpetos originais e procurar uma excelência relativa dentro de uma certa rotina, mediana mas honesta e sólida. O próprio Galsworthy talvez possa ser dado como exemplo do que põe na boca do seu personagem. No entanto mesmo na craveira ordinária dos talentos, há quem procure uma via mais acentuadamente sua, preferindo o risco da aposta à comodidade do ramerrão. E o caso da sra. Clarice Lispector (1), que nos deu no fim do ano passado um romance de tom mais ou menos raro na nossa literatura moderna, já qualificada de “ingenuamente naturalista” por um crítico de valor, numa frase que me parece exagerada. O que se poderia dizer, com maior justeza, é que os escritores brasileiros se contentam em geral com processos já usados, apenas um ou outro arriscando em tentativas mais ousadas.

Quanto mais não valesse, o livro da sra. Clarice Lispector valeria como tentativa, e é como tal que devemos julgá-lo, porque nêle a realização à nitidamente inferior ao propósito. Original não sei até que ponto o será. A crítica de influências me mete certo medo, pelo que tem de difícil e, sobretudo de relativa e pouco concludente. Em relação a “Perto do coração selvagem”, se deixarmos de lado as possíveis fontes estrangeiras de inspiração, permanece o fato de que, dentro de nossa literatura, é uma *performance* da melhor qualidade.

A autora – ao que parece uma jovem estreada – colocou seriamente o problema do estilo e da expressão. Sobretudo desta. Sentiu que existe uma certa densidade afetiva e intelectual que não é possível exprimir se não procurarmos quebrar os quadros da rotina e criar imagens novas, novos torneios, associações diferentes das comuns e mais fundamente sentidas. A descoberta do cotidiano é uma aventura sempre possível e o seu milagre uma transfiguração que abre caminhos para mundos novos. As telefonistas de Proust – transformadas em divindades fatais – o corvo de Poe, os objetos de Hoffman, o sanduíche de Harpo Marx são outros tantos processos de protestar contra o ramerrão, o hábito, a deformação profissional causada pelos sentidos mecanizados. A sra. Clarice Lispector aceita a provocação das coisas á sua sensibilidade, e procura recriar um mundo partindo das suas próprias emoções da sua própria capacidade de interpretação. Para ela, como para os outros, a meta é, evidentemente, buscar o sentido da vida, penetrar no mistério que cerca o homem. Como os outros, ela nada consegue, a não ser esse timbre que revela as obras de exceção e que é a melhor marca do espírito sobre a resistência das coisas.

Antigamente chamavam de análise os romances mais ou menos psicológicos, que procuraram estudar as paixões – as paixões da literatura clássica – dissecando os estados de alma e procurando revelar o mecanismo do espírito. Hoje o nome convém a um número bem menor de obras. Os romances são mais universalistas, e as suas delimitações perderam muito em sentido e jurisdição. Aos livros que tentam esclarecer mais a essência do que a existência, mais o ser do que o estar, com um tempo mais acentuadamente psíquico, talvez seja melhor chamar de *aproximação*. O seu campo é ainda a alma, são ainda as paixões. Os seus processos e a sua indiscriminação repelem, todavia, a ideia

de análise. São antes uma tentativa de esclarecimento através da identificação do escritor com o problema, mais do que uma relação bilateral de sujeito- objeto.

É desta maneira que a sra. Clarice Lispector procura colocar o seu romance. O ritmo do livro é um ritmo de procura, de penetração, que permite uma tensão psicológica poucas vezes alcançada na nossa literatura moderna. Os vocábulos são obrigados a perderem o seu sentido corrente para se amoldarem às necessidades de uma expressão muito sutil e muito tensa, de tal modo que a língua adquire o mesmo caráter dramático do que a entrecho. A narrativa se desenvolve a princípio em dois planos, alternando a vida atual com a infância da heroína. A sua existência presente, aliás, possui uma atualidade bastante estranha, a ponto de não sabermos se a narrativa se refere a algo já passado ou em vias de acontecer. Todos esses processos, que sentimos conscientes e escolhidos, correspondem à atmosfera do livro, que parece dar menos importância às condições de espaço e tempo do que a certos problemas intemporais, encarnados pelos personagens.

O tempo cronológico perde a razão de ser ante a intemporalidade da ação, que foge dêle num ritmo caprichoso de duração interior. Talvez devamos procurar no capítulo chamado “O Banho”, o melhor ponto de apoio para a compreensão de Joana, a personagem da sra. Clarice Lispector. Descobrimos nêle que a menina é diferente. A tia não sabe porque, nem ela própria. O que esta sabe é justamente o que disse àquela: “Eu posso tudo”. Diante de Joana não há barreiras nem impecilhos que a façam desviar do seu destino – que, quase uma missão, é procurar acercar-se cada vez mais do “selvagem coração da vida”. O coração selvagem pode ser um céu e pode ser um inferno. Como nunca o atingimos, é sempre um inferno especial, em que o suplício máximo seja o de Tântalo. Com efeito, este romance é uma variação sobre o suplício de Tântalo. Joana passeia pela vida e sofre, sempre obcecada por algo que não atinge. Move-se peremente entre aquelas “formas vãs e aparências” de que o poeta julgou se ter libertado e, como êle, apenas entrevê a zona mágica em que tudo se transmuda e a convenção dos sentidos cede lugar à visão essencial da vida. “Eu posso tudo”. A pobre Joana nada pode, como todos nós. Mas possui uma virtude que nem a todos é dada: recusar violentamente a lição das aparências e lutar por um estado infável em que a suprema felicidade é o supremo poder, porque no coração selvagem da vida pode-se tudo o que se quer, quando se sabe querer.

Em pequena Joana se recusava a admitir que as galinhas fôssem somente o que lhe diziam que elas eram, e que ela própria via que eram. Como todos os da sua estirpe – de insatisfeitos e obstinados aventureiros dentro do próprio eu – Joana reputava bem desprezíveis os argumentos dos sentidos, aos quais sobrepuja a visão mágica da existência. O seu drama é o de Tântalo sempre pensando tocar o alvo e sentindo-o sempre fugitivo ante si. Com a diferença que para Tântalo isso era condição de desespero, enquanto que para ela nisto estava a própria razão de ser da vida e, portanto a sua glória, a sua esplêndida unquidade. Única Joana pode ser considerada má no sentido em que segue a ética da unquidade. “Eu posso tudo”. Tudo para ela é possível desde que signifique a realização do seu eu. Os outros nada valem e não importam. Importa o seu corpo que ela mira amorosamente na banheira, a sua alma, que ela sente latejar no escuro do mundo. Em torno dela, o silêncio, porque ela é única e, portanto só. Acima dela, o coração selvagem da vida, do qual só se aproximam os solitários, que encontram a suprema felicidade no supremo antagonismo com o mundo.

Mas, como a vida, o romance da sra. Clarice Lispector é um romance de relação. É impossível a glória apenas entrevista do supremo isolamento, porque a ela só têm acesso os anormais, que são os supremos desadaptados. Portanto, Joana vive em contacto com os seus semelhantes. Antes de mais ninguém, com o seu marido. De certo ponto em diante, o livro deixa de ser casulo da heroína para entrar por outros destinos a dentro. O

seu esplêndido isolamento, a sua fôrça de exceção, que aterrorizava a tia, se vê obrigada a medir fôrças com a vida e sofrer as limitações que esta impõe. Joana perde algo da supremacia que lhe vimos, mas a sua unquidade a leva a despojar-se de todos os que nela interferem para buscar de nova a solidão. Uma constatação se impõe, e ela a sente fatal: os outros vivem, mais do que ela porque são capazes de se esquecerem. Na sua consciência aguçada existe uma frieza que é incompatível com o fluxo normal da existência, e é por isto que ela cede o marido tão facilmente e que reconhece a verdade maior da mulher-da-voz e de Lídia. É visivelmente uma fraca. Mas à sua frente se abrem campinas que os outros não veem; se abre uma noção de plenitude pela auto-realização que vale a renúncia à comodidade da existência corrente, porque vai lhe permitir (quando?) a vitalidade definitiva de um cavalo novo, perto do coração selvagem da vida.

\*

De tal estofa são feitas as grandes obras. O livro da sra. Clarice Lispector não o é, certamente. Todavia, poucos como ele, têm, ultimamente, permitido respirar numa atmosfera que se aproxima da grandeza. E isto, em grande parte, porque a sua autora soube criar o estilo conveniente para o que tinha a dizer. Soube transformar em valores as palavras, nas quais muitos não veem mais do que sons ou sinais. A intensidade com que soube escrever e a rara capacidade da vida interior poderão fazer desta jovem escritora um dos valores mais sólidos e, sobretudo, mais originais da nossa literatura, porque esta primeira experiência já é uma nobre realização.

---

– (1) Clarice Lispector – Perto do coração selvagem – A Noite Editora – Rio.

*Submetido em: 16 de junho de 2020*

*Aprovado em: 11 de julho de 2020*